





Tradução
Stephanie Borges



TUDO DO AMOR

ORFEU
NEGRO

bell hooks

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA BENEFICIOU DE UMA PARCERIA
COM HANGAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

TÍTULO ORIGINAL

All About Love – New Visions

AUTORA

bell hooks

TRADUÇÃO

Stephanie Borges

ADAPTAÇÃO PARA PORTUGUÊS EUROPEU E REVISÃO

Oficina Caixa Alta | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva com Margarida Mendes

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2023 Orfeu Negro

© 2000 Gloria Watkins

Todos os direitos reservados. Tradução a partir da língua inglesa, publicada
por acordo com William Morrow, afiliada de HarperCollins Publishers

1ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2023

DL 000000/23

ISBN 978-989-9071-75-9

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org





a primeira carta de amor que escrevi foi para ti, assim como este livro foi escrito para falar contigo. anthony, tens sido o meu ouvinte mais íntimo. amar-te-ei para sempre.

no cântico dos cânticos *há* uma passagem em que podemos ler: «encontrei aquele que o meu coração ama. abracei-o e não o largarei*.» que persistamos, que conheçamos outra vez aquele momento de arrebatamento, de reconhecimento, em que possamos encarar-nos tal como verdadeiramente somos, despidos de artifícios e de máscaras, nus e desinibidos.

* Ct 3, 4. Todas as citações bíblicas desta edição seguem a versão da Bíblia dos Capuchinhos. (N.E.)





INTRODUÇÃO

Graça: Tocada pelo amor



*É possível falar directamente com o coração.
A maioria das culturas mais antigas sabe-o.
Podemos de facto conversar com o coração como
se se tratasse de um bom amigo. A vida moderna
tornou-se tão atribulada com os afazeres e os
pensamentos diários que nos fez perder a arte
essencial de reservar algum tempo para conversar
com o coração.*

JACK KORNFIELD

Na minha cozinha, pendurei quatro fotografias de um grafiti que vi pela primeira vez há uns anos nas paredes de um estaleiro de obras enquanto caminhava para dar uma aula na Universidade de Yale. A frase, «A procura pelo amor continua mesmo perante as maiores improbabilidades», estava pintada em cores vivas. Naqueles dias, recém-separada de um companheiro após quase quinze anos juntos, sentia-me muitas vezes soterrada por um luto tão profundo que parecia que um imenso mar de dor me arrastava o coração e a alma. Dominada pela sensação de ser puxada para debaixo de água, de me afogar, procurava constantemente âncoras que me mantivessem à tona, que me levassem em segurança para a costa. A frase na vedação do estaleiro, feita junto a desenhos infantis de animais não identificáveis, deixava-me sempre bem-disposta.

Sempre que passava por aquele lugar, a afirmação da possibilidade do amor a espalhar-se pelo quarteirão dava-me esperança.

Assinada com o primeiro nome de um artista local, a pintura tocou-me o coração. Ao ler aquelas palavras, tinha a certeza de que o artista estava a passar por uma crise, de que já tinha enfrentado a perda ou estava prestes a enfrentá-la. Na minha cabeça, mantinha conversas imaginárias com ele a respeito do significado do amor. Contava-lhe que o seu grafíti divertido me tinha ancorado e ajudado a restaurar a fé no amor. Falava-lhe de como a promessa de um amor à espera de ser encontrado, um amor pelo qual ainda podia esperar, me puxava para fora do abismo em que caíra. O meu luto era uma tristeza pesada e desesperante, causada pela separação de um companheiro de muito anos, mas – e isto é o mais importante – era um desespero enraizado no medo de que o amor não existisse, de que não seria possível encontrá-lo. E de que, mesmo que estivesse à espreita algures, eu talvez não voltasse a vivê-lo. Para mim, tornara-se difícil continuar a acreditar na promessa do amor quando, para onde quer que olhasse, o encantamento do poder ou o terror do medo ofuscavam o desejo de amar.

Um dia, a caminho do trabalho, ansiosa pela meditação diária provocada pela visão do grafíti, fiquei chocada ao ver que a construtora tinha tapado a pintura com uma tinta branca muito brilhante, sob a qual era possível ver os traços esbatidos do desenho original. Chateada com o facto de que aquilo que se tornara um ritual de afirmação da graça do amor já não estava ali para me acolher, partilhei a minha desilusão com as

peessoas da minha vida. Alguém espalhou o rumor de que o grafiti fora tapado de branco porque as palavras eram uma referência a pessoas que viviam com HIV e à possibilidade de o artista ser homossexual. Talvez. É igualmente provável que os homens que passaram tinta na parede se tenham sentido ameaçados por aquela confissão pública do desejo de ser amado – um desejo tão intenso que não precisava só de ser verbalizado, era também deliberadamente procurado.

Depois de muito pesquisar, encontrei o artista e conversei com ele cara a cara sobre o significado do amor. Falámos sobre o modo como a arte pública pode ser um veículo para partilhar pensamentos de afirmação da vida. E expressámos ambos o nosso pesar e a nossa irritação com o facto de a construtora ter tapado insensivelmente uma mensagem de amor tão poderosa. Para que eu me lembrasse daquela parede, ele deu-me fotografias do grafiti. Desde que nos conhecemos, e em todas as casas onde vivi, mantive as fotos na parede em cima do lava-tório da cozinha. Todos os dias, quando bebo água ou vou buscar um prato ao armário, paro diante daquela recordação de que todos ansiamos por amor – todos o procuramos –, mesmo quando não temos esperança de que ele possa de facto ser encontrado.

Hoje em dia não há muitos debates públicos sobre o amor na nossa cultura. No máximo, a cultura popular é o domínio em que se menciona o desejo pelo amor. Filmes, músicas, revistas e livros são os meios a que recorremos para ver expressos os

nossos anseios amorosos. No entanto, não se trata do discurso afirmativo da vida típico dos anos 60 e 70, que nos instava a acreditar que «All You Need Is Love». Hoje, as mensagens mais populares são as que declaram a insignificância do amor, a sua irrelevância. Um exemplo evidente desta mudança cultural é o tremendo êxito obtido pela canção de Tina Turner cujo título declara ousadamente «What's Love Got to Do With It». Fiquei triste e chocada quando entrevistei uma *rapper* muito conhecida, pelo menos vinte anos mais nova do que eu, que, ao responder a uma pergunta sobre o amor, recorreu a um sarcasmo cortante: «Amor: o que é isso? Nunca tive amor.»

A cultura jovem de hoje é cínica em relação ao amor. E esse cinismo decorre do sentimento dominante de que é impossível encontrar o amor. Em *When All You've Ever Wanted Isn't Enough*, Harold Kushner escreve sobre essa preocupação: «Receio que estejamos a criar uma geração inteira de jovens que vão crescer com medo de amar, com medo de se entregarem completamente a outra pessoa, porque já terão sentido a dor de correr o risco de amar e a relação não funcionar. Receio que cresçam à procura da intimidade sem risco, do prazer sem investimento emocional significativo. Vão ter tanto medo da dor da desilusão que renunciarão às possibilidades do amor e da alegria.» Os jovens são cínicos em relação ao amor. Em última análise, o cinismo é a máscara para um coração desiludido e traído.

Quando percorro o país para discursar sobre como pôr fim ao racismo e ao machismo, o público, em particular jovem, fica agitado quando me refiro ao papel do amor em qualquer

movimento em prol da justiça social. Todos os grandes movimentos por justiça social têm destacado a ética do amor. No entanto, os jovens continuam relutantes em abraçar a ideia do amor como força transformadora. Para eles, o amor pertence aos ingênuos, aos fracos, aos eternamente românticos. A sua atitude espelha-se na dos adultos, aos quais se dirigem para pedirem explicações. Como porta-voz de uma geração desiludida, em *Bitch: In Praise of Difficult Women*, Elizabeth Wurtzel afirma: «Nenhuma de nós está a ficar mais competente em amar; estamos a ganhar medo de amar. Não nos ensinaram a ser hábeis, e as escolhas que fazemos tendem a reforçar a sensação de que o amor é inútil e não tem esperança.» Estas palavras ecoam em tudo o que costumo ouvir de uma geração mais velha a respeito do amor.

Ao falar de amor com pessoas da minha geração, descobri que ficavam nervosas ou assustadas, em especial quando comentava que não me sentia suficientemente amada. Em diversas ocasiões em que conversei com amigos sobre amor, aconselharam-me a fazer terapia. Entendi que alguns, poucos, estavam apenas cansados da minha insistência nesta questão e consideravam que, se eu fizesse terapia, eles teriam uma folga. No entanto, a maioria ficava apavorada em relação ao que poderia ser revelado a respeito da vida deles em qualquer investigação sobre o significado do amor.

Sempre que uma mulher solteira com cerca de quarenta anos introduz numa conversa a questão do amor, vem repetidamente à tona a suposição, enraizada no pensamento machista, de que está «desesperada» por encontrar um homem. Ninguém pensa